



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

CLAUDINEY DE MELO RIBEIRO

A APREENSÃO DA VERDADE NO DISCIPULADO SOCRÁTICO E CRISTÃO

CAMPINA GRANDE, PB

2016

CLAUDINEY DE MELO RIBEIRO

A APREENSÃO DA VERDADE NO DISCIPULADO SOCRÁTICO E CRISTÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

CAMPINA GRANDE, PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R484a Ribeiro, Claudiney de Melo
A apreensão da verdade no discipulado Socrático e cristão
[manuscrito] / Claudiney de Melo Ribeiro. - 2016.
38 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia".

1. Socratismo. 2. Cristianismo. 3. Kierkegaard. I. Título.

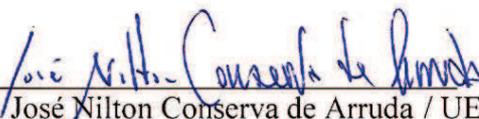
21. ed. CDD 100

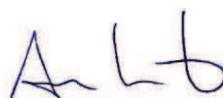
CLAUDINEY DE MELO RIBEIRO

A apreensão da verdade do discipulado socrático e cristão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 16/05/2016.


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, o poderoso, que me concedeu suas bênçãos e creio que, também possibilitou minha chegada até o fim do curso, mesmo me considerando por muitas vezes incapaz de consegui-lo, sei que me deu forças e ânimo para não desistir no meio do caminho.

Ao meu pai Sandro José Ribeiro que tantas vezes me levou a universidade, afim de que eu não chegasse atrasado e não perdesse o conteúdo das aulas. A minha mãe Josineide Maria de Melo Ribeiro, que deu até o que não possuía para que eu não deixasse de estudar. Sei bem do esforço e dedicação de ambos, como também, tantos sacrifícios até chegar ao fim. Espero ser capaz de retribuir tudo em dobro.

Aos colegas de estudos, que tanto contribuíram com a minha formação acadêmica e pessoal em meio as conversas filosóficas e não-filosóficas, dentro e fora da sala. Com certeza, lembrarei de cada um de forma especial, porém, ousou citar de modo muito particular: Marcos Marcílio, Marcia Batista, Daniel Avelino, Aluízio Aciole e Padre Jorge Rodrigues.

A cada professor do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, pelo empenho na dedicação da arte de ensinar filosofia, através das aulas e debates, recorro com muito apreço o Professor Júlio César Kesting, presente deste meu ingresso no curso e foi através dele que bati de frente com Kierkegaard, inspiração para este trabalho.

Ao professor José Nilton Conserva de Arruda, meu orientador. Que prontamente e com tanto afincou retirou os erros deste trabalho. É um exemplo de conhecedor da filosofia e daquele que é disposto a fazer com que seu aluno aprenda de forma clara e objetiva qualquer assunto que ensine. Grato por propiciar diversos momentos de reflexões e discussões filosóficas em sala de aula.

“Contudo, não é necessário pensar mal do paradoxo, pois o paradoxo é a paixão do pensamento, e o pensador sem um paradoxo é como o amante sem paixão, um tipo medíocre”.

KIERKEGAARD

RESUMO

Objetivo deste trabalho tem como principal função fazer uma análise de dois modelos de conhecimento, o primeiro é o proposto pelo filósofo Sócrates que tem na relação com seu discípulo apenas uma ocasião, sem importância decisiva, que faz o aprendiz rememorar um conhecimento já intrínseco, ou seja, no modelo socrático se pressupõe que o discípulo já está de posse da verdade e para que possa apreendê-la é preciso apenas fazer uma rememoração. O segundo modelo de conhecimento é proposto pelo filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, que propõe não uma relação de aprendizado do homem com o homem, mas do homem com *o deus* no tempo, que desceu ao mundo na figura do servo. Este mestre é Salvador, libertador, reconciliador e juiz, que dá ao discípulo no instante com importância decisiva a condição e a verdade, é no instante que o discípulo compreende que é a não-verdade, e agora com a consciência de pecado e com o arrependimento, se começa o processo de apreensão da verdade. Este experimento teórico de Kierkegaard como novo modelo de conhecimento contrapõe o socrático e tem sua inspiração no cristianismo.

Palavras-chaves: 1. Socratismo. 2. Cristianismo. 3. Kierkegaard.

ABSTRACT

Objective of this work has as main function to make an analysis of two models of knowledge, the first is the one proposed by the philosopher Socrates who has the relationship with his pupil only one occasion, without decisive importance, which makes the learner recall an already intrinsic knowledge, or is, in the Socratic model assumes that the student is already in possession of the truth and so you can understand it you need only make a recall. The second model of knowledge is proposed by the Danish philosopher Soren Kierkegaard, who does not propose a man of learning relationship with the man, but the man with God in time, come down to earth in the servant of the figure. This master is Salvador, liberator, reconciler and judge who gives the disciple the moment with decisive importance the condition and the truth is the moment that the disciple realizes that it is not truth, and now with the consciousness of sin and the repentance, begins the true apprehension process. This Kierkegaard theoretical experiment as a new model of knowledge opposes the Socratic and has its inspiration in Christianity.

Keywords: 1. Socratism. 2. Christianity. 3. Kierkegaard.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 SÓCRATES E SUA MISSÃO DIVINA	11
1.1 O vagabundo loquaz	11
1.2 Sobre ser aprendiz	11
1.3 Sobre a virtude	12
1.4 O que é a virtude?	12
1.5 A aporia como essencial para o conhecimento	13
1.6 A teoria da reminiscência	14
1.7 O conhecimento como rememoração	15
1.8 Primeira hipótese: A virtude é ciência	15
1.9 Segunda hipótese: A virtude é opinião correta	16
1.10 Terceira hipótese: A virtude é feliz opinião	17
1.11 Discipulado socrático	17
2 JESUS DE NAZARÉ, O DEUS FEITO HOMEM	19
2.1 A crença na encarnação do Verbo	20
2.2 Jesus como caminho	21
2.3 O discipulado cristão	22
2.4 Jesus, sendo Deus, é a verdade	23
3 A CRIAÇÃO DO MODELO DE CONHECIMENTO OPOSTO AO SOCRÁTICO	26
3.1 As Migalhas Filosóficas como experimento teórico	26
3.2 O instante com significação decisiva	27
3.3 O estado anterior: o ser na não-verdade	27
3.4 Pecado, conversão, arrependimento, renascimento e plenitude dos tempos	28
3.5 A relação de igualdade movida pelo o amor do deus	30
3.6 O deus na figura de servo	31
3.7 Quem é o discípulo?	32
3.8 O objeto da fé	34
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Interessante, nós da licenciatura, que quase diariamente lidamos com diversos tipos de personalidades e idades, com mentes brilhantes e ávidas pela busca de conhecimento, quando vemos um aluno bastante interessado no conteúdo da aula, logo nos animamos e nos tornamos entusiasmados no ensino da matéria, quando há o interesse, seja na área de humanas ou exatas, o professor se coloca diante do aluno não apenas como aquele que ensina propriamente dito, mas também como facilitador na compreensão do conhecimento recebido. Este é o mestre que fará todo o possível, para que seu aluno assimile a teoria com o objeto de estudo, a teoria com a prática. E não de forma diferente, empregamos no tema deste trabalho justamente o termo apreensão, no qual, significa justamente tomar posse, ou melhor, assimilar em si aquilo que é cognoscível, e neste caso, tomamos como objeto a verdade.

Na história da filosofia, posso dizer seguramente, que o tema da verdade esteve presente em muitos autores, da antiguidade a contemporaneidade, muitos podem ter apresentado seus conceitos e soluções intrínsecas a este tema. O objetivo aqui é mais simples, não pretendo escrever um sistema lógico sobre a verdade, muito menos formular um novo conceito de verdade. Não estou propondo responder à pergunta “o que é a verdade? ”, mas sim a forma de apreender esta verdade, e como afirmamos no tema deste trabalho, isso se dará através do discipulado, relação esta que irá nos interessar durante este trabalho.

Houve na história da humanidade, principalmente na história do ocidente, muitos homens sábios que se apresentaram como mestres, criando suas próprias filosofias e ideias, as quais atraíam muitos seguidores. A estes seguidores, poderemos chamar de discípulos. E, certamente, entre aquele que ensina e o que aprende, há uma relação mútua de conhecimento. Muitos destes mestres podem ter criado particularmente a sua forma de relacionar-se com o aprendiz, não poderíamos analisar todos os modelos de conhecimento dos sábios que já existiram, nem analisar as relações que cada um estabeleceu com seus aprendizes. Demoraria anos e talvez nem houvesse tanto papel que coubessem anos de pesquisa. Por isso, neste trabalho, escolhemos dois modelos de conhecimento, o socrático e o cristão. Cristão, porque Soren Kierkegaard (1813-1855), autor primário que escolhi para este trabalho, irá “inventar” sob a pluma do pseudônimo Johannes Clímacus, um novo modelo de conhecimento, um experimento teórico que faz contraposição ao modelo socrático, e juntos, poderemos observar que sua inspiração vem do cristianismo.

Como forma de nos introduzirmos no experimento teórico de Kierkegaard, o primeiro capítulo abordará o modelo de conhecimento de Sócrates (469-399 a.C.). E para tanto, tomei

como referência para essa análise, um dos diálogos de Platão (428-347 a.C.), intitulado: “Mênon”, que no diálogo, é o nome de um dos principais personagens, além de Sócrates. Tudo leva a crer que este diálogo ocorreu no ano 402 a.C., durante uma visita de Mênon a Atenas, na Grécia. Ficando hospedado na casa de Ânito, que pouco aparece no diálogo. Contudo, é Sócrates que nos interessa. A sua existência histórica não é questionável neste trabalho, até porque, sua vida é largamente atestada através dos escritos, assim também, como a sua morte. O que poderíamos questionar, seria o teor de seus ensinamentos, mas este não é o objeto de nosso estudo. Analiso através deste diálogo platônico o modelo de conhecimento que Sócrates põe em prática no encontro com seu discípulo. Através do diálogo bem conduzido, se começa um processo de parto de ideias próprias, ou seja, o mestre não ensina, mas é ocasião para que o discípulo possa se autoconhecer, e assim, chegar ao conhecimento. Despojando-se de opiniões preconcebidas a partir da aporia, que no modelo socrático é essencial para o início do processo de conhecimento, o discípulo, através da reminiscência basta apenas recordar um conhecimento que está em si próprio. Ou seja, no ensinamento socrático o homem já está de posse da verdade.

O segundo capítulo, serve como um interlúdio entre Sócrates e Kierkegaard, é o capítulo de transição entre o que vem antes e depois de Jesus (\pm 0-30 d.C.). É o capítulo que fala do cristianismo, talvez tenha colocado de forma proposital, pois veremos juntos, como o experimento teórico de Kierkegaard sobre um novo modelo de conhecimento da verdade, se assemelha ao cristianismo. Que consiste na crença de um Deus encarnado e que veio ao mundo na figura de servidor. O cristianismo crê na verdade, que é o próprio Deus, e se revela no Filho de Deus, enviado ao mundo como homem, o Deus no tempo, histórico, possuindo o nome de Jesus, nascido na Judéia no tempo do rei Herodes Magno e do imperador César Augusto, e morto sob o procurador Pôncio Pilatos durante o reinado do imperador Tibério. Enfim, no cristianismo também há uma relação entre o mestre e seu discípulo, e é este mestre quem dá a conhecer a verdade e por amor, sendo Deus, iguala-se ao seu discípulo. Ou seja, no cristianismo a verdade vai ao encontro do homem, não é algo, é alguém.

Então, chegamos ao terceiro capítulo, culminando com o modelo opositor ao socrático. Como supracitado, este “novo modelo” de conhecimento, apresentado por Kierkegaard, tem sua inspiração no cristianismo. Sob a pena de Johannes Clímacus, no livro *Migalhas Filosóficas* (1844), ele propõe a saída do terreno socrático, assumindo que a verdade não está de posse do discípulo, e somente com *o deus* no tempo, é que este o pode apreendê-la. Pois, é este mestre quem dá a condição para compreendê-la. Esta condição é dada pois, no instante, na plenitude dos tempos, que acontece por amor do deus. É o momento de importância decisiva, é no

encontro com o deus, que o discípulo pode se enxergar como o ser na não-verdade, e assim, poder acolher a verdade junto com a condição.

O objetivo não é resolver o mistério da encarnação, muito menos o mistério da Santíssima Trindade, com o Deus no tempo. Não é um estudo puramente sobre Deus, como também, não é um estudo puramente sobre o conceito de verdade. Tenho como objetivo, algo mais modesto, que está ao meu alcance, no campo filosófico e não teológico, apesar que o estudo de Deus toma grande parte dos escritos da filosofia – por exemplo, na metafísica, os escritos medievais – e também o tema sobre a verdade, não tenho aqui a intenção de fazer teologia. Apenas pensar em Deus de forma filosófica. Este é um trabalho que pode perpassar pela filosofia da religião, filosofia da educação até mesmo pela própria teologia, contudo, repito, a intenção é puramente filosófica, baseando-nos no modelo socrático e kierkegaardiano, analisamos então, a relação dos mestres e discípulos em busca da apreensão da verdade.

1. SÓCRATES E SUA MISSÃO DIVINA

A sociedade em que vivemos a cada dia se torna mais digital, transformando de forma surpreendente a maneira com que as pessoas se relacionam. O estilo de vida é outro, não de forma diferente, as relações de amizade e aprendizagem também acompanham essas mudanças. A pouco tempo atrás, ainda recorro, as esquinas e praças eram repletas de pessoas, movimentadas com crianças e jovens. Eram lugares de encontros dos amigos, dos namorados, das festas, das conversas. Hoje em dia esta situação é rara. Se Sócrates aparecesse em nosso meio nesses dias, ele seria, talvez, um frustrado. Por encontrar os lugares públicos desprovidos de diálogos filosóficos, e assim, não teria como seguir sua “missão divina”.

Atribuía-se uma missão, que lhe teria sido confiada pelo deus que se manifestava através do oráculo de Delfos: a missão de se conhecer a si mesmo e de levar também os outros ao autoconhecimento, à conquista da própria alma. Para isso era necessário o diálogo bem conduzido (PESSANHA, 2005, p. 52-53).

1.1. O VAGABUNDO LOQUAZ

Entretanto, imaginemos o contrário, não as praças vazias, mas repletas de “jovens ávidos de aprender”, as nossas praças seriam a ágora de Atenas, lugares de encontros e debates. E eis que nos deparamos com um senhor, chamado Sócrates. Rodeado de jovens belos, andando pelas ruas, levando seus discípulos a contradição, a aporia e a pensar sobre a inconsistência de suas opiniões. Na sociedade capitalista, isso geraria alguns comentários negativos, imagino se eu fosse um desses jovens, que não arredavam o pé de perto de Sócrates. Com certeza, minha mãe não aprovaria. Pois deveria estar gerando capital e não pelas ruas apenas conversando, isso seria o que conhecemos por vagabundo. De certo modo, Sócrates era um vagabundo loquaz, o conversador insaciável, o perguntador implacável, que nada sabia. E por isso, perguntava e perguntava.

1.2. SOBRE SER APRENDIZ

Quando queremos aprender alguma arte ou ciência procuramos aqueles que se dizem ser especialistas no que fazem e dedicam sua vida no ensino de sua arte. Se eu quero me tornar um músico, devo procurar aquela pessoa que é especialista na música. Se quero me tornar um bom sapateiro, devo procurar a pessoa que é mestre nessa profissão. Isso parece algo óbvio e

seria insensato se ocorresse de forma diferente, nos encaminhando para pessoas que professam ser mestres de artes diferentes das quais queremos ser aprendizes.

Ora, quando falamos disto, desta forma, a resposta nos aparece de forma muito clara e objetiva. Encontramos em nosso contexto social muitos mestres, ou seja, pessoas dispostas a nos ensinar qualquer atividade laborativa, arte e até mesmo ciência. Mas quando tratamos de questões subjetivas será que essa resposta continua simples?

Para que possamos, juntos, chegar a resposta desta primeira indagação. De forma a facilitar nossa compreensão do pensamento de Kierkegaard e possamos prosseguir na investigação, recorro neste primeiro momento a um dos diálogos de Platão: *Mênon*.

1.3. SOBRE A VIRTUDE

Encontramos neste diálogo, principalmente aquilo que irá nos interessar neste trabalho. Um cenário de discussão, entre aquele que se dispõe a ensinar e o que quer aprender, em busca de uma definição. Na verdade, esta busca por uma definição geral, através do discurso indutivo é típico de Sócrates, mas ele reformula os questionamentos que abrem o diálogo, questões estas, feitas por Mênon:

[...] a virtude é coisa que se ensina? Ou não é coisa que se ensina mas que se adquire pelo exercício? Ou nem coisa que se adquire pelo exercício nem coisa que se aprende, mas algo que advém aos homens por natureza ou por alguma outra maneira? (PLATÃO, 2001, p. 19. 70a).

Alguém poderia dizer se sou belo, rico ou nobre, sem saber quem sou? Ou definir a música sem ao menos conhece-la? Não. Se não sabemos o que uma coisa é, também não saberemos que tipo de coisa é ou de que forma iremos apreender. Observando isto, Sócrates muda a questão, para que antes de tudo, se responda: O que é a virtude?

1.4. O QUE É A VIRTUDE?

Poderíamos, como Mênon, enumerar diversas qualidades que julgamos ser virtude. Por exemplo, um prefeito bem gerir a cidade, fazer bem aos amigos, ser ético, agir com justiça e prudência. Não estaríamos errados se a pergunta assim fosse: Quais as partes da virtude?

Sócrates não procura por partes de virtude, mas sim um conceito que perpassa todas essas que demos como exemplo e demais outras que conhecemos. Uma definição que dê conta da unidade dessa multiplicidade de virtudes.

Embora sejam muitas e assumam toda variedade de formas, têm todas um caráter único, <que é> o mesmo, graças ao qual são virtudes, para o qual, tendo voltado seu olhar, a alguém que está respondendo é perfeitamente possível, penso, fazer ver, a quem lhe faz a pergunta, o que vem a ser virtude. (PLATÃO, 2001, p. 25. 72c)

Podemos entender caráter como aquilo que é comum a todas as coisas chamadas pelo mesmo nome, por exemplo, as abelhas diferem entre si com variedade de formas, porém existe o caráter que fazem delas, abelhas. E nisso, em serem abelhas, nada difere uma das outras. Outro exemplo, possuímos o tamanho, a força e a saúde, que em nada diferem no caráter, seja no homem, seja na mulher. Com a virtude, não seria de forma diferente. Para Sócrates, é este caráter que faz de uma virtude, ser virtude. Não diferindo, seja em uma criança ou velho, na mulher ou no homem.

Consequente, poderíamos nos assemelhar a Mênon, e não compreender aquilo que Sócrates busca. Seria mais fácil investigar algo a partir daquilo que já conhecemos e no caso da virtude acabaríamos destrinchando ela em várias partes e nomeando elas, como: justiça, prudência, coragem. E não encontraríamos o caráter que perpassa todas as partes de virtude. Se, estivéssemos diante de Sócrates, certamente neste momento chegaríamos ao estado de aporia. Pois o que antes aceitávamos como correto e verdadeiro, não se acompanha mais da certeza, Sócrates “destrói as certezas com bons argumentos [...] Não ensina; quer aprender. Seu pensamento parece desprovido de conteúdo. Mas, se não há ensinamentos, há uma proposta” (ABRÃO, 2004, p. 42-43)

1.5. A APORIA COMO ESSENCIAL PARA O CONHECIMENTO

Como se procurar aquilo que não sei o que é, e, quando encontrá-la, como saber que aquilo que encontrei, é o que não conhecia? Confesso que ao chegar neste ponto, desistiria da investigação, por não enxergar mais nenhuma possibilidade de conhecimento daquilo que é desconhecido. “O desconhecido nos dá medo. Esse medo me cerceia e impede minha liberdade” (GRÜN, 2006, p. 98). A aporia poderia ser o ponto de parada. Poderia então, se aceitar os

conhecimentos e as opiniões preconcebidas, mas no socrático a aporia é o ponto de partida para se chegar ao conhecimento. A aporia é essencial para se chegar ao conhecimento.

Neste momento, na aporia, o interlocutor de Sócrates é liberto da ilusão, despertando a consciência de que ele não sabe o que pensava saber e agora há um incentivo de “prosseguir no conhecimento de si mesmo, já agora num trabalho construtivo de dar à luz ideias próprias e mais fundamentadas” (PESSANHA, 2005, p. 56)

Nas primeiras obras de Platão, Sócrates aparece apenas derrubando opiniões inconsistentes, desmascarando falsos sábios ou fazendo exortações, sem se preocupar propriamente em resolver até o final questões abstratas.

A meta seria não o assunto em discussão, mas a própria alma do interlocutor, que, por meio do debate, seria levado a consciência de sua real situação [...] O reencontro consigo mesmo só pode partir da consciência da própria ignorância (PESSANHA, 2004, p. 24-25).

1.6. A TEORIA DA REMINISCÊNCIA

Como, então, sair da aporia para o autoconhecimento? Como se apossar “progressivamente da própria alma”? No diálogo platônico *Mênon*, encontramos a teoria da reminiscência, na qual se acredita na imortalidade da alma, que ora chega ao fim, ora nasce de novo. Não sendo jamais aniquilada, e tendo visto tanto as coisas que estão no mundo sensível e as que estão no mundo inteligível, bastaria rememorar. “O conhecimento é, na verdade, reconhecimento, reminiscência, retorno” (PESSANHA, 2005, p. 60). No socratismo esse conhecimento não pode ser conferido a uma pessoa por outra pessoa. Em vez disso, ela deve ser alcançada através de uma busca ativa do discípulo.

Se aceitamos que já possuímos o conhecimento, nós, segundo Sócrates, nos tornaríamos preguiçosos, já que não iríamos procurar aquilo que já se conhece. Contudo, é preciso tomar como falsa a aporia sofisticada expressa por Mênon e tomar como verdadeira o argumento de Sócrates, pois “o procurar e o aprender é, no seu total, uma rememoração” (PLATÃO, 2001, p. 53. 81d). Essa ideia, torna o discípulo e o mestre diligentes e inquisidores na apreensão do conhecimento. Partindo da aporia, pois antes disso, se julga que o discípulo não buscaria aquilo

que julgava saber. E, caindo em aporia chega ao julgamento de que não sabe e se adquire o sentimento de anseio pelo saber.

1.7. O CONHECIMENTO COMO REMEMORAÇÃO

Para demonstrar sua teoria, no diálogo, Sócrates interroga um escravo de Mênon sobre conhecimentos em geometria. Sócrates não se coloca diante do escravo como aquele que vai ensinar, mas como aquele que conduzindo o diálogo, vai fazer o escravo lembrar. Não ensinando nada, mas perguntando tudo. “O verdadeiro conhecimento nasce do diálogo; não é transmissível do mestre ao aluno, mas arrancado do interior de uma discussão – um verdadeiro trabalho de parto” (ABRÃO, 2004, p.44). A parteira não coloca a criança dentro da barriga da mãe, mas ajuda dar à luz ao que está dentro dela. No socratismo, o mestre traz à luz aquele conhecimento que já está no discípulo.

Vendo, portanto, a essencialidade da aporia, para que se possa começar a apreender o conhecimento. Sócrates leva o escravo a lembrar as soluções dos problemas geométricos, e despertando no escravo opiniões verdadeiras, a alma do escravo adquire um conhecimento no qual, tanto Sócrates como Mênon, sabem que este conhecimento não foi adquirido nesta vida, não advindo de outra pessoa, mas sim do próprio escravo. A ciência veio de sua alma imortal. Deve haver no discípulo opiniões verdadeiras, que sendo despertadas pelos questionamentos se tornam conhecimento. E se a verdade das coisas que são, está sempre na nossa alma, logo, a alma deve ser imortal.

Mas, retornando a questão inicial, a saber: “a virtude é coisa que se ensina, se adquire pelo exercício ou advém por natureza?” Não sabendo o que é a virtude em si mesma, Sócrates responde a Mênon por meio de hipóteses.

1.8. PRIMEIRA HIPÓTESE: A VIRTUDE É CIÊNCIA

A primeira hipótese é que a virtude é ciência, sendo, portanto, ciência, ela é coisa que se ensina. Analisando as evidências dessa hipótese, sendo a virtude um bem, deve ser ciência. Uma vez que a ciência é a única coisa que é sempre um bem. Ora, se possuímos saúde, força, beleza e riquezas, dizemos serem essas coisas e as desse tipo, proveitosas. Como também, as coisas referentes a alma, como: a prudência, justiça, coragem, memória e liberdade. Se buscadas

sem o acompanhamento da razão, nos causarão danos. Sócrates levanta a hipótese de que a virtude é alguma coisa entre as que estão na alma, e se lhe é necessário ser algo proveitoso, então é preciso que ela seja compreensão:

[...] uma vez precisamente que todas as coisas referentes à alma, em si mesmas, não são proveitosas nem nocivas, mas tornam-se proveitosas ou nocivas conforme as acompanhe a compreensão ou a incompreensão. Segundo esse argumento, sendo a virtude certamente proveitosa, é preciso que seja uma certa compreensão. (PLATÃO, 2001, p. 73. 88c-d)

Todas as outras coisas dependem da alma, enquanto que as coisas próprias da alma dependem da compreensão. Portanto, o proveitoso seria compreensão, logo a virtude seria compreensão seja o todo, seja partes dela. Sendo assim, as pessoas não seriam boas por natureza, levantando a questão se é pelo aprendizado que os bons se tornam bons. Lembrando que a primeira hipótese é que a virtude sendo ciência, ela é coisa que se ensina.

Qualquer ciência tem seus professores e alunos, no que diz respeito a virtude, como isso ocorre? Quem são os professores da virtude? Os sofistas? Se, se admite que não há professores, então se nega a primeira hipótese de que a virtude seja ciência, e conseguinte, não poderia ser adquirida pelo aprendizado. Neste ponto do diálogo, Ânito, que deu hospedagem a Mênon, estava presente no momento do debate, admite não serem os sofistas os mestres da virtude, mas sim os próprios cidadãos de bem que, segundo Ânito, aprenderam a serem bons na sua virtude, com seus predecessores.

1.9. SEGUNDA HIPÓTESE: A VIRTUDE É OPINIÃO CORRETA

Sócrates não concorda com este posicionamento, pois os bons de seu tempo não pareciam capazes de ensinar a outra pessoa sua virtude. E, não sendo os sofistas, nem os bons, mestres dessa matéria, então não haveriam alunos. Não tendo alunos não seria a virtude coisa que se ensina. Talvez a virtude seja opinião correta, não ciência.

[...] Logo, a opinião verdadeira, em relação à correção da ação, não é em nada um guia inferior à compreensão. E isso é o que agora mesmo negligenciamos no exame sobre que tipo de coisa era a virtude, dizendo que somente a compreensão dirige o agir corretamente, ao passo que, vejo agora, também a opinião verdadeira era <assim> (PLATÃO, 2001, p. 99. 97b-c).

Poderíamos dizer, como Mênon, que aquele que tem a ciência sempre será bem-sucedido, e o que tem a opinião correta às vezes acertará, às vezes não. Será por isso que a ciência é mais valorizada? Sócrates vai dizer que as opiniões verdadeiras produzem muitos bens, e é uma bela coisa enquanto permanecem, pois não se dispõem a ficar muito tempo, mas fogem da alma do homem.

[...] quando são encadeadas, em primeiro lugar, tornam-se ciências, em segundo lugar, estáveis. E é por isso que a ciência é de mais valor que a opinião correta, e é pelo encadeamento que a ciência se difere da opinião correta [...] Logo, a opinião correta não será em nada inferior à ciência nem menos proveitosa em vista das <nossas> ações, e tampouco um homem que tem opinião correta, inferior ao que tem ciência ou menos proveitoso que ele (PLATÃO, 2001. p. 103. 98a.b-c).

1.10. TERCEIRA HIPÓTESE: A VIRTUDE É UMA FELIZ OPINIÃO

Neste caso, o homem seria virtuoso por ciência ou por opinião correta, concordando que nem uma, nem outra advém por natureza. Concluímos que o homem não é virtuoso por natureza. Se fosse ciência, seria coisa que se ensina, então, haveriam mestres e alunos. Não parecendo que os há, a virtude não parece ser ciência. Nem coisa que se ensina, nem uma compreensão. Mas, é um bem, proveitosa e boa, pois guia corretamente. Só há duas coisas capazes de guiar o homem corretamente: a ciência e a opinião verdadeira, não sendo ciência, logo, é uma feliz opinião. Seria, pois, a virtude uma concessão divina?

1.11. O DISCIPULADO SOCRÁTICO

A rigor, as perguntas iniciais feitas por Mênon no início do diálogo platônico, ficaram sem respostas. Ficou claro, que para Sócrates, não se pode dizer se ela é coisa que se ensina ou não, sem antes saber o que ela é em si. O meu objetivo não foi resolver esta questão, mas demonstrar como os diálogos socráticos, entre o mestre e o discípulo, tem como meta se chegar ao autoconhecimento. Com o diálogo bem conduzido Sócrates “começava por demolir as opiniões frágeis e enganosas, as noções equivocadas e sem base, as ideias aceitas e repetidas, mas desprovidas de consistência” (PESSANHA, 2005, p. 53). Este perguntador fugaz não procurava respostas ou explicações definitivas, somente investigava a base dos conceitos que aplicamos a nós mesmos, por que acreditava que compreender o que somos é a primeira tarefa a ser feita, para quem faz filosofia. No diálogo socrático para adquirir o conhecimento acerca

do mundo e de si mesmo é necessário compreender os limites da própria ignorância e remover as ideias preconcebidas.

Para os socráticos, a verdade já está contida no indivíduo, encontrar-se a si mesmo é encontrar a verdade. Necessitava-se apenas recordar. Para Kierkegaard, o indivíduo necessita uma repetição dada por Deus e não a recordação; seria como que um renascer, porquanto a verdade divina não pode ser recordada, ela precisa ser vivida, intensa e de forma autêntica.

Ao tentarmos compreender o papel do mestre no discipulado socrático, percebemos que não é necessário a busca da verdade no âmbito exterior ao indivíduo. Mas que no encontro com seu mestre, este discípulo o faça de forma ativa, recordando em si mesmo para que encontre o conhecimento, a verdade. Para Sócrates apenas esta verdade traria liberdade. E apenas este conhecimento da verdade libertaria o homem dos prazeres ilusórios. No pensamento Cristão, há a mesma lógica, na qual, o discípulo alcançando um conhecimento da verdade, este a libertará. Mas, diferentemente do socrático não é um autoconhecimento, mas um conhecimento de Deus, que é a própria verdade. E o mestre dá ao seu discípulo a condição de compreender esta verdade que liberta. (Cf. Jo 8, 32).

Afinal, no discipulado cristão, o que ou quem é esta verdade? Como posso - como discípulo - aprender esta verdade? Tanto Sócrates, como Jesus, podem afirmar que a verdade liberta, mas a pedagogia de aprendizagem dessa verdade, empreendida por esses dois mestres, buscam este conhecimento de formas diferentes.

De antemão, o pensador dinamarquês Soren Kierkegaard encontra no cristianismo uma superação do modelo socrático de conhecimento. E veremos mais à frente, sob o pseudônimo Johannes Clímacus, o seu experimento teórico de tornar-se discípulo do deus feito homem, na figura de um servo. Sócrates busca a virtude - no sentido de conhecimento - e nisso consiste a verdade. Mas, para Kierkegaard se a verdade for representada pelo cristianismo então, é preciso tornar-se cristão. Ao passo que nos tornamos discípulos deste mestre, é preciso admitir, antes de tudo, que o homem não está de posse da verdade. E se não for assim, recairemos no socrático, e não haverá a superação.

2. JESUS DE NAZARÉ, O DEUS FEITO HOMEM

Se nos dias de hoje eu fosse um pescador e nas margens da praia enquanto consertava as minhas redes de pesca e me aparecesse um jovem com mais ou menos trinta anos de idade, com uma imagem imponente, mas serena. Olhar doce, compassivo e que transmitisse paz e dissesse: “Vem e segue-me” ou em outro momento, em outro lugar eu estivesse e este mesmo jovem passasse por lá e alguém dissesse: “Dou testemunho de que este é o filho de Deus” (João 1, 34)¹. O que eu poderia fazer? Talvez deixasse tudo e apenas o seguisse, mesmo não o conhecendo, sem mesmo saber de onde e como veio aparecer. Diante do encontro com o Filho de Deus não há motivos para pensar duas vezes. A fé impulsiona para um movimento de encontro, sem o uso da razão, como veremos neste capítulo.

Foi mais ou menos desta forma que o conhecido Jesus de Nazaré, para muitas pessoas conhecido como Cristo, escolheu e convidou seus discípulos. No encontro inusitado, a pessoa mais improvável. Em um movimento gratuito, este jovem homem se dispôs a ser mestre. Ao conhece-lo de forma mais íntima e detalhada, Jesus não se revela apenas como homem, assim como Sócrates o foi, poderíamos até elencar muitas semelhanças entre esses dois personagens na qual estamos abordando, porém, no Sócrates a sua missão tem uma dimensão divina. Jesus, é o próprio divino.

Aquilo que conhecemos do famoso Sócrates não chegou até nós pelos seus escritos, pois este, nada escreveu. Tudo o que chegou aos nossos dias e lemos, foram escritos pelos seus discípulos, principalmente Platão, que se utiliza de Sócrates como principal personagem de seus diálogos. Em um primeiro momento para difundir as ideias socráticas e em outro momento, mais maduro, apenas como porta voz das ideias platônicas. Se a corrente de pensamento socrática fosse uma religião – pode ser para algumas pessoas – seria a religião dos livros.

Um jovem nascido na Judéia, se assemelha ao experiente Sócrates, pois também nada escreveu e aquilo que conhecemos e lemos também nos chegou através das mãos dos seus discípulos. De Jesus nasce uma nova corrente de pensamento, no qual a escrita no papel é importante, mas que coloca no centro de sua existência a Palavra de Deus, não escrita, mas sim, encarnada e viva. Isso é o cristianismo.

¹ JERUSALÉM, 1994, p. 1987

2.1. A CRENÇA NA ENCARNAÇÃO DO VERBO

Este Verbo encarnado, esta pessoa histórica, na qual tem sua essência a natureza divina, dá aos seus discípulos a condição de compreenderem seus ensinamentos e tudo aquilo que já estava escrito. Abre-lhes a mente para que compreendam seus ensinamentos (Cf. Lucas 24, 45). Esta condição vem do mestre-divino, que permite a apreensão do conhecimento verdadeiro.

De que maneira o Filho de Deus é homem? Cristo exprime humanamente os modos divinos de agir, a pessoa divina do Filho de Deus assumiu a natureza humana. O cristianismo assumiu a plena realidade da alma humana com inteligência e vontade, como também, o Deus no corpo humano de Jesus. A encarnação do Verbo, é uma união misteriosa, pois a natureza humana não foi aniquilada. Ela foi assumida. É por meio de Cristo que seus discípulos são levados a serem participantes da “natureza divina” (2 Pedro 1, 4)²:

Jesus veio do céu para junto de nós a fim de nos lembrar do nosso núcleo divino [...] Cada ser humano é uma ideia de Deus. Mas nós obscurecemos e desfiguramos essa ideia. Jesus veio até nós, da parte de Deus, e ele olha para nós, para que nos tornemos novamente capazes de nos enxergar direito, de descobrir em nós a o núcleo divino e entrar assim em contato com a vossa verdadeira essência (GRÜN, 2004, p. 86)

Esta é uma das razões que o cristianismo acredita ser o motivo pela qual o Verbo se fez homem. Na verdade, para que o homem entrando em comunhão com o Verbo, receba a filiação divina. Querendo-nos participantes de sua divindade, Deus assume a natureza humana para que fizesses “deuses”.

A alma humana que este mestre cristão assumiu é dotada de verdadeiro conhecimento humano, portanto, não possuía um conhecimento ilimitado, mas “crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lucas 2, 52)³ conforme vivenciava as condições históricas de sua existência no espaço e no tempo. Consequências de seu rebaixamento voluntário na condição de servo. “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ociosamente. Mas esvaziou-se de sim mesmo e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana” (Filipenses 2, 6-7)⁴.

² JERUSALÉM, 1994, p. 1987

³ JERUSALÉM, 1994, p. 1932

⁴ JERUSALÉM, 1994, p. 2206

O conhecimento humano de Jesus exprimia a vida divina, na sua união com o Verbo, conhecia e manifestava tudo o que convinha a Deus. Pois, “ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer” (João 1, 18)⁵. A sua missão era revelar a verdade. Revelar Deus.

Manifestado na carne ele é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Não uma mescla confusa entre o divino e o humano, nem parte homem, nem parte Deus. Mesmo sendo homem, ele continua sendo Deus. Ele permaneceu o que era e assumiu o que não era:

Para Kierkegaard, não há nenhuma maneira de explicar a brecha (pecado) entre nós e Deus; nenhuma maneira de explicar nossa alienação de Deus; nenhuma maneira de explicar como o eterno pode se tornar o que Deus não é – humano. Logo, a filosofia e a ciência, que procuram os primeiros princípios imutáveis, não podem compreender, tal como um “primeiro princípio”, como um agente se torna o que Deus não era, humano, de modo que, pela mudança ontológica de Deus, nosso status ontológico em relação ao divino também é alterado (ALLEN, 2010, p. 286).

2.2. JESUS COMO CAMINHO

Quando estamos na fase da adolescência sempre temos nosso artista, cantor ou personagem preferido, pois representam nossos anseios e a personalidade que queremos assumir. Sempre buscamos nos espelhar em alguém que temos orgulho, geralmente, nos espelhamos nos nossos pais, avós ou naquele amigo fiel. Certamente, existiam muitos jovens que gostariam de ser iguais a Sócrates, que mesmo afirmando nada saber, percebia-se a grandeza de sua sabedoria. Não há dúvidas que seus discípulos queriam ser iguais ao seu mestre, por ser um modelo valioso a ser seguido.

No cristianismo, os discípulos também tomam o seu mestre como modelo, neste caso, modelo de santidade. Sua mensagem não pode ser modificada, pois ele nos revela o conhecimento verdadeiro. Portanto, se faz caminho para a verdade. Só posso alcançá-la negando-se a si próprio e depois seguindo o mestre (Cf. Mc. 8,9). Para o cristianismo a verdade é Deus, se Jesus é o caminho, então seus discípulos devem escutar, aprender e percorrer este caminho. De certo, “não há maneira de se chegar a Deus a partir da razão humana; Ele deve vir a nós” (ALLEN, 2010, p. 175). Deus amando tanto seus filhos, entregou o seu Filho único

⁵ JERUSALÉM, 1994, p. 1986

ao mundo, como vimos anteriormente, através da encarnação. Esse é um ato de amor gratuito de Deus, que implica na oferta efetiva do discípulo no seguimento do mestre cristão, negar-se a si mesmo. “Foi no nascimento de Jesus que Deus mostrou aos homens o seu amor; a fim de despertar no homem, por esse ato de amor, um amor recíproco” (GRÜN, 2007, p. 36)

Depois dos profetas, Deus envia um mensageiro que não é mais um porta-voz como os outros. Jesus “segundo o Espírito Santo, foi constituído Filho de Deus” (Romanos 1, 4)⁶. Ele é o Filho, o Verbo que se encarnou, personificou e, foi enviado a terra para ser uma ponte sobre o abismo entre os homens e Deus.

Se fez carne assumindo as condições de fraqueza e de mortalidade. O cristão sublinha o realismo da vinda do Filho de Deus na humanidade, “a figura do servo não era simulada, por isso o deus tudo deve sofrer, e tudo suportar, a fome no deserto, a sede nos suplícios, o abandono na morte, absolutamente igual ao último dos homens” (KIERKEGAARD, 2011, p. 54). Sendo, pois, Deus, despojou-se de si, se fez homem e morreu em uma cruz:

Cristo, enquanto Deus tornado homem, é o mediador entre homem e Deus. É por meio de Cristo que o homem se situa existencialmente perante Deus. Cristo é portanto o fato primordial para a compreensão que o homem tem de si. Mas o próprio Cristo é incompreensível. Não há portanto uma mediação conceitual, algum tipo de prova racional que me transporta para a compreensão da divindade. (ABRÃO, 2004, p. 406)

2.3. O DISCIPULADO CRISTÃO

Como tornar-se discípulo do Filho de Deus? A primeira dificuldade, para nós que não fomos seus contemporâneos é crer que Deus se fez homem, e este mesmo homem, se fez servo de todos, e ainda, morreu como criminoso na cruz. “[...] Para que o mestre possa dar a condição, ele tem que ser o deus, e para colocar o que aprende na posse dela ele tem que ser homem. Esta contradição é, por sua vez, objeto da fé, e o paradoxo, o instante” (KIERKEGAARD, 2001, p. 87). Portanto, “para poder entender Jesus e segui-lo é necessário ver com os olhos da fé” (GRÜN, 2006, p. 149). Contudo, “nós podemos saber que Deus existe por meio de nossa razão [...], mas não podemos conhecer a natureza divina a não ser por meio da revelação. Só podemos receber revelação por meio da operação da graça divina e da fé” (ALLEN, 2010, p. 77)

⁶ BÍBLIA, 1990, p. 1375

A razão não é suficientemente capaz de compreender este paradoxo. A fé é decisiva porque abre os olhos, para que o cristão conheça a verdade, para que a escuridão se dissolva e a existência se clareia. “É só por meio da revelação de Deus, pela Palavra encarnada, que tal conhecimento profundo de Deus é possível [...]” (ALLEN, 2010, p. 63). A verdade dá a ser humano clareza a respeito de si próprio. O homem se reconhece na verdade. Consegue compreender sua existência. E, “existir é existir diante de Deus” (ABRÃO, 2004, p. 409).

No primeiro capítulo deste trabalho foquei na discussão sobre a virtude. Na verdade, gostaria de deixar claro que, a investigação consiste observar o papel do mestre na relação com seu discípulo em busca do conhecimento. No discipulado socrático se acredita que este conhecimento já se encontra no discípulo, bastando apenas fazer uma rememoração. De certo, nesta relação o mestre não é decisivo até porque qualquer um poderia conduzir o diálogo ou até mesmo o discípulo se auto indagar e dessa maneira também encontrar o conhecimento, dispensando o mestre. Kierkegaard vai dizer que no caminho socrático o mestre é apenas ocasião - assim veremos mais à frente no próximo capítulo.

2.4. JESUS, SENDO DEUS, É A VERDADE

No cristianismo, há a relação entre mestre e discípulo, porém, esse encontro não é como ocasião, mas como instante decisivo. No qual, o mestre-divino dá a condição de se apreender o conhecimento verdadeiro. Dessa forma, não procuraremos mais responder o que é a virtude, mas como esta relação mestre-divino-discípulo se dá em busca da verdade. Foi em Jesus, neste mestre, que a verdade de Deus se manifestou. Ele mesmo, sendo Deus, também é a verdade. A tradição foi quebrada, não se deve mais buscar a verdade de forma objetiva e sistematizada. Não é mais algo objetivo, Jesus transforma a verdade em subjetividade.

No socratismo o conhecimento liberta o discípulo das ilusões, da mesma forma, o cristão que crê nessa verdade e a aceita, pois o mestre dá a condição para isso, se liberta de suas ilusões e experimenta a verdadeira salvação. Entra em contato com o ser verdadeiro, torna-se um consigo mesmo, com Deus e a com a realidade. O discípulo de Jesus permanece em sua palavra para conhecer “a verdade que liberta” (Cf. João 8, 32). “Quem trilha o caminho de Jesus não possui a verdade, ele vive da verdade, ele vive verdadeiramente. Vive em contato com a realidade. Vê o mundo como ele é. (GRÜN, 2008, p. 119). Portanto, aquele que é discípulo de

cristo, aquele que é cristão acredita que “Jesus é a verdadeira luz que nos ilumina, que nos dá a possibilidade de uma vida verdadeira” (GRÜN, 2008, p. 12):

O tempo se cumpriu, chegou à sua plenitude. [...] A proximidade de Deus faz que o ser humano possa viver verdadeiramente. Só na proximidade com Deus o ser humano se aproxima de seu ser verdadeiro. E o tempo só chega a sua plenitude por que Deus está próximo. [...] Deus que está acima de todo o tempo, entra no tempo e o completa. (GRÜN, 2008, p. 31-32)

Aquele discípulo cristão é convidado a sempre buscar esta verdade, dar testemunho dela aos que ainda a desconhecem e a transmitir esta verdade revelada. Com o fortalecimento da fé, todos os cristãos participam da compreensão das realidades e das palavras. A relação com a verdade é uma relação de fé. Na fé, esta relação significa submeter-se livremente a palavra ouvida, visto que sua verdade é garantida por Deus, ou seja, pela própria verdade.

Exemplo disso, é Abraão, que mesmo sabendo do crime, do assassinato, que iria cometer foi submisso e obedeceu. Não tinha nenhum sistema ético ou qualquer teologia que justificasse o assassinato de seu filho, não parou para pensar nas consequências, nem no que iriam pensar ou fazer com um pai assassino do próprio filho. Agiu com fé. A fé o fez saltar do plano da razão para o plano do absoluto, e no plano do absoluto o entendimento é cego. Consequente, a fé é uma relação pessoal do homem a Deus e o assentimento a verdade que Deus revelou. “Cada pessoa deve se aventurar na fé, o que no ponto de vista do “pensamento objetivo”, é agir sem razão suficiente. Mas, na verdade, uma pessoa que tem fé tem razões para agir” (ALLEN, 2010, p. 283).

Portanto, a verdade não é algo, é Cristo: “O caminho, a verdade e a vida” (João 14, 6)⁷. O próprio Jesus Cristo quebra a tradição de se buscar a verdade com o “pensamento objetivo”, ele próprio se faz verdade e é preciso com ele se encontrar esta verdade. Ao lado dele não precisamos de nenhum outro caminho, nem do caminho da lei, nem de métodos espirituais ou de conhecimento progressivo. Jesus é o caminho místico que nos leva à luz o entendimento, a sabedoria, a conscientização e ao nosso destino verdadeiro. Jesus é o caminho e, ao mesmo tempo, a meta.

⁷ JERUSALÉM, 1994, p. 2023

Após esta pequena catequese sobre o cristianismo - sem a pretensão de converter ninguém ao cristianismo - creio que a partir de agora, nossa compreensão sobre o projeto de Soren Kierkegaard nos apareça de forma mais clara, e assim, possamos entender sua proposta de tornar-se cristão sem recair no socrático. Não é mais sobre a virtude que iremos investigar. Kierkegaard reformula aquelas primeiras indagações feitas por Mênon, nas quais vimos no primeiro capítulo, e com o seu projeto de tornar-se cristão, irá nos mostrar se a verdade pode ser ensinada, adquirida, advinda por natureza ou é uma concessão divina.

3. A CRIAÇÃO DO MODELO DE CONHECIMENTO OPOSTO AO SOCRÁTICO

O modelo socrático de busca pelo conhecimento reduz a figura do mestre a apenas “ocasião”, no qual, ajuda seu discípulo a recordar um conhecimento que já está no discípulo. Assumido, pois, a imortalidade da alma e a ideia de reminiscência, basta apenas recordar aquilo que já encontra intrínseco no sujeito. Kierkegaard, sob o pseudônimo de Johannes Clímacus, pretende sair do terreno socrático criando um modelo oposto. Admitindo, antes de tudo, que a verdade não está no aprendiz e este não tem a capacidade de apreende-la por si mesmo.

Se o aprendiz está fora da verdade, de certo, ele precisa voltar a ela. De forma ativa, ou pelo menos, esperar que esta verdade venha ao aprendiz, para então acolhê-la. Existe o ditado popular, que diz: “Se Maomé não vai a montanha, a montanha vai a Maomé”. Da mesma forma, se o homem não vai a verdade, talvez a verdade venha, já veio ou pode vir novamente até o homem.

O modelo kierkegaardiano mostra o mestre como *o deus* – o divino ou a divindade – feito homem, que traz a verdade e também a condição para a recepção da verdade. Este deus liquida o socratismo que só se utiliza da maiêutica de forma convencida, achando que a verdade já estava no homem, só que um pouco esquecida. A entrada do deus no tempo, na história, provoca o paradoxo, pois a razão não consegue reunir a ideia de um deus eterno com a figura de servo humilde. Neste projeto de Clímacus, renuncia-se a inteligência e agarra-se a fé. É este projeto paradoxal que iremos analisar neste capítulo, e veremos em que medida pode-se aprender a verdade

3.1. AS MIGALHAS FILOSÓFICAS COMO EXPERIMENTO TEÓRICO

Soren Kierkegaard, na pele de seu pseudônimo Johannes Clímacus, escreve um pequeno folheto com a despretensão de participar da evolução da ciência. É nas *Migalhas Filosóficas* que encontramos este experimento teórico, o modelo oposto do socrático, onde o instante assume importância decisiva para a felicidade eterna e não mais mera ocasião sem importância decisiva.

Em que medida pode-se aprender a verdade? Esta pergunta faz-nos lembrar do primeiro capítulo no qual vimos como pode-se aprender a virtude - ou pelo menos saber o que é a virtude

-, sendo entendida como conhecimento. Ora, na medida em que se procura, deve-se pressupor que a verdade não estava presente. Só que o modelo socrático levanta uma dificuldade, que nos é conhecida como a “proposição polêmica”: “[...] que é impossível a um homem procurar o que sabe, pois o que sabe não pode procurar porque sabe, e aquilo que não sabe não pode procurar porque não sabe nem ao menos o que deve procurar” (KIERKEGAARD, 2011 p. 27).

3.2. O INSTANTE COM SIGNIFICAÇÃO DECISIVA

Já vimos, outrora, a solução para esta dificuldade. Sócrates traz à tona a teoria da reminiscência. “A verdade não é, pois, trazida para dentro dele, mas já estava nele” (KIERKEGAARD, 2011, p. 27). Todo aprender, todo procurar é apenas recordar. O conhecimento, para o socrático, é rememoração, bastando ao ignorante tomar conhecimento, por si mesmo, daquilo que já está em sua alma. Nesta relação suprema, entre o mestre e o discípulo, no qual o mestre ajuda dar à luz ideias próprias, já existentes no sujeito. Portanto, o modelo socrático é um modelo de autoconhecimento. “Sob o ponto de vista socrático, cada homem é para si mesmo o centro, e o mundo inteiro só tem um centro na relação com ele, porque seu conhecimento de si mesmo é um conhecimento de Deus” (KIERKEGAARD, 2011, p. 29). Para Johannes Clímacus, essas coisas devem ser colocadas de outra maneira, de forma que o instante no tempo tenha uma significação decisiva, de modo a não o esquecer nem no tempo, nem na eternidade.

Segundo Kierkegaard, o ponto de partida de Sócrates é a ocasião: nela o mestre nem ensina, nem recebe, apenas ajuda no nascimento (maiêutica), pois o ser humano já está de posse da verdade. Em Sócrates, o instante não possui importância fundamental, perde-se no tempo, é um nada, pois a verdade está lá, só precisa ser lembrada [...]. Para Kierkegaard, sob o ponto de vista cristão, o instante é plenitude dos tempos; decisivo e composto pela eternidade plena (GUARNIERI, 2007)

Já observamos a não importância decisiva do instante no modelo socrático. Para que, se assuma o contrário, de forma a ser decisiva, é preciso que o homem não tenha dito a verdade até aquele instante preciso, nem mesmo alguém que procura, pois deve ser definido como fora da verdade. “Ele é, pois, a não verdade” (KIERKEGAARD, 2011, p. 32).

3.3. O ESTADO ANTERIOR: O SER NA NÃO-VERDADE

No modelo proposto por Johannes Clímacus, o mestre não pode apenas fazer com que o aprendiz recorde, pois seria apenas ocasião, mas se assim o fosse, o aprendiz não tomaria consciência da verdade, mas sim de que é a não-verdade. Se a verdade deve vir ao aprendiz, é preciso que o mestre dê juntamente a condição para compreendê-la, pois se o próprio aprendiz fosse a condição, bastaria apenas recordar. Contudo, aquele que junto com verdade também dá a condição não é um mestre, mas sim o deus:

Todo ensinamento repousa no fato de que a condição em última análise, está presente; quando esta falta, um mestre nada consegue; pois caso contrário, seria necessário que o mestre não transformasse, mas recriasse o aprendiz, antes de começar a ensinar-lhe. Ora, isto nenhum homem consegue; caso isto deva suceder, é preciso que o próprio deus o faça (KIERKEGAARD, 2011, p. 33)

3.4. PECADO, CONVERSÃO, ARREPENDIMENTO, RENASCIMENTO E PLENITUDE DOS TEMPOS

Ao passo que o aprendiz existe obviamente Deus o criou, e deu-lhe a condição. Porém, se é necessário assumir o instante como importância decisiva, para que não haja a recaída no modelo socrático, o aprendiz não deve estar de posse da condição, ou seja, ter sido despojada da condição. Seria contraditório se isto tivesse ocorrido por parte do deus ou por mera causalidade. Então, só pode ter sido por culpa do próprio aprendiz. O próprio aprendiz pôs e põe fora a condição. “O mestre é então o próprio deus que, atuando como ocasião, leva o aprendiz a lembrar-se de que é a não verdade e que o é por sua própria culpa” (KIERKEGAARD, 2011, p. 34). Clímacus chama a este estado de *pecado*. E “Pecado é o estado do ser na não-verdade” (GUARNIERI, 2007). Consequente, “o mestre é então o deus, que dá a condição e que dá a verdade” (KIERKEGAARD, 2011, p. 34). Como chamar este mestre? Salvador, libertador, reconciliador e juiz, diz Clímacus:

Vamos chama-lo de um *salvador*, pois ele salva o aprendiz da não liberdade, salva-o de si mesmo; um *libertador*, pois liberta aquele que se tinha aprisionado a si mesmo [...], e se aquele mestre lhe dá a condição e a verdade, então ele é justamente um *reconciliador*, que retira a cólera que paira sobre a culpa [...]. Um mestre bem pode avaliar seu aluno [...], mas condená-lo não pode [...]. Aquele mestre não é pois propriamente mestre, mas é um *juiz*” (KIERKEGAARD, 2011, p. 36)

Vimos que o discípulo é a não-verdade e que recebe do deus, no instante, a condição e a verdade. Veja bem, ele não passa a ser homem a partir deste momento, pois já o era, mas a partir de agora torna-se um homem *novo*. Ao ser não-verdade o aprendiz percorria o caminho

se distanciando da verdade. Sempre a se afastar e, recebendo a condição, este caminho se inverte para uma aproximação rumo a verdade. Clímacus chama a esta mudança: *conversão*.

Esta conversão é a despedida do estado anterior, que era a do ser na não-verdade, e estando lá por própria culpa ao receber a condição, no instante, o aprendiz toma consciência disso e aparece na alma o *arrepentimento* por ter ficado tanto tempo no estado anterior, mas agora arrependido, olha para trás acelerando sua caminhada para frente.

Clímacus diz, que nessa passagem do não ser para o ser é a do nascimento. Mas, como o aprendiz já nascido, pode nascer novamente? A esta passagem pela qual o aprendiz vem ao mundo uma segunda vez, chama-se *renascimento*. “Na medida em que era a não verdade e agora, graças a condição, recebe a verdade, opera-se nele uma mudança, como a do não-ser para o ser” (KIERKEGAARD, 2011, p. 38). Neste renascimento, igual a um bebê recém-chegado ao mundo, o aprendiz nada sabe sobre o mundo, se existem outros homens ou é habitado, nem deve nada a ninguém em forma de gratidão, mas deve tudo àquele mestre divino. Portanto, esquece de tudo, de si mesmo, ao pensar nesse mestre.

No que diz respeito ao instante; o que podemos deduzir? Em uma leitura grosseira do experimento teórico de Kierkegaard, sob a caneta de Johannes Clímacus, o instante se assemelha ao que conhecemos por êxtase, que na mística medieval seria o último estágio para uma relação de encontro ou experiência direta com Deus. Mas, sobre isso Clímacus escreve: “Sem dúvida é breve e temporal como o é todo instante, passando, como todos os outros, ao instante seguinte, e no entanto é o decisivo, pleno de eternidade. Um tal instante deve com efeito ter um nome especial; vamos chamá-lo: *plenitude dos tempos*” (KIERKEGAARD, 2011, p. 37)

É nesta plenitude dos tempos, no instante, que o aprendiz recebe a condição para compreender, e a verdade. “No *instante* o homem torna-se consciente de que nasceu, pois seu estado precedente, ao qual não deve reportar-se, era o de não ser. No *instante* ele se torna consciente de seu renascimento, pois seu estado precedente era o de não ser” (KIERKEGAARD, 2011, p. 40).

Enquanto o projeto, ou melhor, o modelo socrático/platônico deposita na rememoração o múnus de sua busca pelo conhecimento. O experimento teórico de Clímacus concentra-se no

instante. É nisso que consiste a superação do modelo socrático na relação mestre-discípulo em busca da verdade.

3.5. A RELAÇÃO DE IGUALDADE MOVIDA PELO O AMOR DO DEUS

Sócrates viveu e formou-se junto ao povo que pertencia, e quando alcançou uma idade mais madura apresentou-se como o mestre Sócrates. E no modelo socrático esta relação com o mestre, era uma relação de reciprocidade no processo de entendimento de si. “O discípulo é a ocasião para que o mestre se compreenda a si mesmo, o mestre a ocasião para que o discípulo se compreenda a si mesmo” (KIERKEGAARD, 2011, p. 44). Nenhuma ocasião pode agir sobre o deus, e não necessita de nenhum aprendiz para compreender a si mesmo. Então, o que faz ele ir ao encontro do discípulo? O amor:

Pois o amor justamente não tem a satisfação do desejo fora dele, mas em si mesmo [...]. Por amor, portanto, o deus tem de decidir-se eternamente a agir; mas como seu amor é a razão, o amor deve ser também o fim, pois seria igualmente uma contradição que o deus tivesse um motivo e um fim que não se correspondessem (KIERKEGAARD, 2011, p. 45)

Esta decisão existente desde toda a eternidade, realizada no tempo, se torna o instante. Que vem à luz justamente pela relação da decisão eterna com a ocasião. E se não for desta maneira, haverá o retorno para o terreno socrático.

O amor deve dirigir-se ao aprendiz e o fim deve ser ganha-lo, pois é no amor que o diferente se iguala, e só na igualdade é que pode haver a compreensão. Contudo, Clímacus vai dizer que este é um amor infeliz, pois o deus não há de aniquilar a diferença. Se a relação de igualdade não pode ser estabelecida, o amor será infeliz e o ensinamento desprovido de significado, pois não conseguirão compreender-se mutuamente. Mas, não esqueçamos, pois, que o mestre ama o seu discípulo.

Como estabelecer a relação de igualdade entre o discípulo e o deus? Clímacus coloca duas hipóteses para responder esta pergunta. A primeira hipótese seria a elevação do discípulo para junto do deus, fazendo-o esquecer de si mesmo e da incompreensão. “A unidade poderia ser obtida se o deus se mostrasse ao discípulo, aceitasse sua adoração e o levasse a esquecer de si mesmo” (KIERKEGAARD, 2011, p. 50). Mas, Clímacus enxerga nessa possibilidade um amor não bem-sucedido, pois o discípulo pode não compreender o mestre e esse poderia

precisar iludir o aprendiz. Assim, poderia contentar o amor do aprendiz, mas não o amor do mestre do qual nenhuma ilusão pode satisfazê-lo. Então, Clímacus, expõe a segunda hipótese, não mais pela a elevação do discípulo, mas pela descida do deus. Que amando seu discípulo faz-se igual, e desta maneira a unidade pode se concretizar:

E assim ele quer mostrar-se igual ao menor de todos. Mas o menor de todos é, como se sabe, o que tem de servir aos outros, e por conseguinte o deus deve mostrar-se sob a figura do *servo* [...]. É assim, pois, que o deus se apresenta sobre a terra, igual ao último dos homens, pela onipotência de seu amor (KIERKEGAARD, 2011, p 53).

3.6. O DEUS NA FIGURA DE SERVO

Esta figura de servo não é dissimulada. Não é uma encenação, em verdade, o deus querendo ser mestre, quer ser igual ao discípulo amado. E nisto consiste a onipotência decisiva do amor. Não sendo uma figura simulada ele tudo deve sofrer, a fome, a sede, a morte e deixar novamente a terra. “É assim que deve ser e o amor ocasiona todo este sofrimento, porque o deus não é zeloso de si mesmo, mas em seu amor quer ser igual ao menor de todos os homens” (KIERKEGAARD, 2011, p. 56).

Kierkegaard, nas suas *Migalhas Filosóficas*, não discorre diretamente sobre o cristianismo, mas inventa um experimento teórico, um projeto de pensamento que tem como único objetivo ser diferente do socrático. Propositamente, o capítulo anterior fala sobre o cristianismo, coloquei-o de forma a lembrar-nos das semelhanças com o projeto de Clímacus, a saber, a descida do deus em figura humana, não aniquilando a natureza divina e na figura do servo tudo sofreu e morreu. Ora, não parece familiar? Apesar de não citar diretamente o cristianismo no decorrer de suas migalhas, o seu projeto tem justamente como pano de fundo o tornar-se cristão, ou seja, discípulo de Jesus, o Cristo. Deus feito homem.

Outrora, falei da incapacidade da razão de não compreender este Deus feito homem, e que só seria possível aceitar esta condição com os olhos da fé, que é a paixão, ou seja, a condição que surge diante do paradoxo:

A fé para Clímacus é visão do invisível, pois o que a fé enxerga é justamente aquilo que os olhos terrenos (e mesmo os olhos da razão) não podem fitar diretamente [...]. O deus não pode ser percebido imediatamente e quando se quer aproximar desta forma, os olhos acabam por se chocar com a figura humana do servo simples e humilde que, imediatamente, nada tem de divino, mas sob a autópsia da fé, é o Deus onipotente (GERMANO, 2012).

Desta maneira, o deus apresentou-se como mestre, revestindo-se na figura de servo, vai ao encontro do seu amado, o discípulo. “Se o deus, então, não viesse pessoalmente, tudo permaneceria socrático, não obteríamos o instante e seríamos privados do paradoxo” (KIERKEGAARD, 2011, p. 79). Pode até parecer zombaria. Os leitores de Clímacus – até mesmo nós – poderíamos pensar que o deus assumiu a forma de servo para zombar dos homens. Sua intenção não pode ser a de andar pelo mundo sem que nenhum homem o saiba, quer, pois, fazer com que compreendam alguma coisa a respeito dele.

Ele se diminuiu a si mesmo e assumiu para si a forma de um servo, mas não veio evidentemente para viver como um servo a serviço de algum homem individual, ocupando-se de suas tarefas sem dar a conhecer quem ele era, nem ao seu senhor nem aos outros servos [...] (KIERKEGAARD, 2011, p. 80)

Esta figura de servo, não é a mesma que entendemos por escravo. De certo, significa humildade, um homem humilde, que não se distingue da multidão, nem por trajes finos e elegantes, ou qualquer cargo e privilégios terrestres, despreocupado com o seu poder aquisitivo ou a apropriação de bens, desapegado a própria casa e a comida, sem ter ligação com mulher alguma e aos seus encantos. Procurando apenas, o amor do discípulo: “[...] só o anúncio de sua doutrina constitui sua única necessidade vital, é para ele alimento e bebida, ensinar aos homens é seu trabalho, e o seu repouso é ocupar-se dos discípulos; não tem amigos, nem parentes, mas o discípulo é seu irmão e sua irmã” (KIERKEGAARD, 2011, p. 82).

3.7. QUEM É O DISCÍPULO?

Seria o assunto do momento se soubéssemos, em nossos dias, que o deus se fez homem e habita entre nós, andando pelas ruas e praças, mercados e feiras livres, não importando a cidade, deixássemos tudo para segui-lo, escutando tudo o que ele ensina e sendo testemunhas oculares de tudo o que fizera, mesmo colocando espiões para vigiá-lo noite e dia, e estes nos contasse tudo o que fizera nas horas vagas, soubéssemos o menor detalhe do que faz a cada hora do dia. Mesmo com tudo isso, sendo contemporâneos do deus, não seríamos os discípulos.

Se um outro da cidade tivesse se ocupado da doutrina professada, guardando as suas palavras com mais importância do que a própria comida, e contratando diversos funcionários

para que fizessem uma antologia de cada letra proferida, afim de não se perder uma palavra sequer, e a expusesse de forma confiável para consulta de todos, isso não faria dele o discípulo.

Se um amigo estudasse no exterior e regressasse ao país apenas nos últimos dias de vida deste mestre – um ou dois dias – e por motivos de seu novo trabalho fosse impedido de encontrar o mestre, sendo possível apenas nos últimos suspiros, prestes a entregar o espírito, isto, não seria um obstáculo que impedisse este amigo de tornar-se o discípulo.

Um outro, retratou o mestre em pinturas nas mais diversas situações, com mudanças de acordo com a idade e os estados da alma que possam ter ocorrido no aspecto exterior daquele mestre, e após a morte do mestre, olhasse, fechasse os olhos e imaginasse sua aparência seguramente como era em vida. Poderia, de certo, crer em seus olhos, mas isso não faria dele o discípulo.

Mesmo que na forma de servo, o deus estenda a sua mão toda poderosa e aquele que fica olhando, fique admirado de boca aberta, também conseguindo reunir em torno de si tantos outros admirados com o seu relato, isso não faz dele o discípulo. Então, qual a vantagem de ser contemporâneo?

O contemporâneo interessado em aprender, está de posse apenas de uma vantagem, na qual a posteridade poderá invejar, a de ir pessoalmente ao encontro deste mestre e observá-lo:

De que maneira aquele que buscar aprender torna-se crente ou discípulo? Quando a inteligência é despedida e ele recebe a condição. Quando é que a recebe? No instante. O que é que esta condição condiciona? Que ele compreenda o eterno. Mas uma tal condição só pode ser uma condição eterna (KIERKEGAARD, 2011, p. 89).

Se o deus por sua decisão toda poderosa, que é igual ao seu amor, quer igualar-se ao mais humilde, não haverá taberneiro, nem professor de filosofia – muito menos aluno de filosofia – que irá perceber qualquer coisa a não ser que o próprio deus lhe dê a condição.

O discípulo é aquele a quem o deus deu a condição para ver, e abriu-lhe os olhos da fé. E deve ser ciente de que sem a condição, nada poderia ver e que a primeira coisa que compreendeu foi que ele mesmo era a não-verdade. A relação entre contemporâneo e contemporâneo é apenas ocasião, ninguém deve nada ao outro, mas devem tudo ao deus no

tempo que possibilitou o instante, e em conseqüente, possibilitou a passagem do não-ser para o ser, da não-verdade para a verdade.

3.8. O OBJETO DA FÉ

Se considerarmos este fato – o deus no tempo – como simples fato histórico, é importante ser contemporâneo e constitui, portanto, uma vantagem. Se for considerado um fato eterno, então, qualquer época póstera estará próxima. Se for um fato absoluto, então, seria uma contradição que o tempo pudesse diferenciar a relação dos homens para com este fato. “Mas o fato absoluto é também ao mesmo tempo um fato histórico [...]. O fato absoluto é um fato histórico e, como tal, objeto da fé” (KIERKEGAARD, 2011, p. 135):

Ora, como o histórico é para o contemporâneo a ocasião de tornar-se discípulo, recebendo, bem entendido, a condição do próprio deus (pois senão estaremos falando socraticamente), do mesmo modo o relato dos contemporâneos será para qualquer pósteros a ocasião de tornar-se discípulo, desde que, bem entendido, receba a condição do deus (KIERKEGAARD, 2011, p. 136).

Se quem recebe do próprio deus a condição se torna discípulo, e possui aquilo que recebeu do próprio deus, conseqüente, recebeu de primeira mão. E quem não o recebeu do próprio deus, não é discípulo. E nós, se quisermos ser discípulos, seremos de segunda mão? Se fossemos receber a condição dos contemporâneos estes seriam para nós – pósteros – objeto de fé, pois aquele de quem recebemos a condição este é o objeto de fé e o deus.

O que pode fazer o contemporâneo pelo pósteros? Narrar sua crença naquele fato – o deus no tempo – não de forma histórica, mas como “uma loucura para a inteligência e um escândalo para o coração”. E narrar o conteúdo da fé, induzindo o pósteros a determinar-se pela continuidade. Contudo, não existe discípulo de segunda mão. Pois o primeiro e o último são iguais, só que a geração pósteros tem a ocasião do relato dos contemporâneos, enquanto os contemporâneos têm a sua na contemporaneidade, não devendo nada a nenhuma geração. E Clímacus conclui dizendo a moral da história:

Este projeto ultrapassa, indiscutivelmente, o socrático, coisa que se mostra em cada ponto. Que seja ou não, por isso, mais verdadeiro do que o socrático, é uma questão completamente diferente, que não se deixa decidir no mesmo alento, dado que aqui admitiu-se um novo órgão: a fé, e uma nova pressuposição: a consciência do pecado, uma nova decisão: o instante, e um novo mestre: o deus no tempo [...]. (KIERKEGAARD, 2011, p. 149).

Ultrapassa o socrático, porque admite-se *o deus* no tempo, que ao encontrar o seu discípulo dá a condição e juntamente a verdade. Admita-se o instante, que é decisivo. Pois é no instante a partir da tomada de consciência de que é a não-verdade que o discípulo passa do não-ser para o ser, da não-verdade para a verdade. O pressuposto disso é, pois, o pecado. Pecado é a consciência de ser a não-verdade por própria culpa, e arrependido, a caminhada rumo ao encontro da verdade se acelera, rumo a felicidade eterna.

CONCLUSÃO

Alguns podem até achar que não há nada de novo no que precede esta página, até porque, devido à semelhança do experimento teórico sobre o modelo que se opõe ao socrático, estes podem achar que Kierkegaard não fez nada além de uma cópia, com outras palavras, do cristianismo. Na verdade, as *Migalhas Filosóficas* surgem como uma proposta de retorno ao cristianismo primitivo. Serve como uma crítica a religião estatal oficial da Dinamarca, que assumiu um fenômeno geográfico e não mais os frutos de opções pessoais.

Sob a caneta de Clímacus, Kierkegaard vai dizer que é o único que não consegue ser cristão e prefere não duvidar de que todos os outros sejam cristãos. Sendo, pois um pensador, Clímacus se diz incapaz de escrever um sistema de filosofia, por isso, escreve suas Migalhas com um experimento teórico, que ultrapassa o socrático, supondo uma vinda do deus ao mundo, como salvador, trazendo a condição da verdade e produzindo assim uma igualdade através do rebaixamento do deus à figura do servo, naquilo que seria a eternização da história e a historicização da eternidade. Tudo depende do instante, em que o discípulo encontra o Mestre e o aceita. Desta forma, o Deus feito homem liquida o socratismo, pois este além da verdade, também dá a condição para a recepção da verdade. Para os gregos, esse modelo de conhecimento não poderia ser pensado dentro das categorias filosóficas sem o paradoxo.

Como basear nossa felicidade eterna em algo histórico? Com seu modelo de conhecimento Clímacus propõe um retorno ao cristianismo, pois é, para Kierkegaard, o único fenômeno histórico que por causa, justamente do histórico, pretendeu ser para o homem o ponto de partida de sua consciência eterna, pretendeu fundamentar-lhe a sua salvação em sua relação a algo histórico. Nenhuma filosofia, que só se dirige ao pensamento, nem a mitologia que só se dirige à imaginação e nem o saber histórico que se restringe apenas à memória, jamais teve esta ideia que, decerto, não surgiu de um homem. Sim, do Deus feito homem.

Esta não é a novidade do evangelho, mas é a “novidade” de Kierkegaard, o tornar-se discípulo, é tornar-cristão. É ser contemporâneo do Deus feito homem, que dá a condição e a verdade, e por meio de sua mediação como homem, ou seja, na história. Podemos ser participantes da felicidade eterna. O que é, pois, a felicidade eterna? Aprender a verdade.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernadette Siqueira. **Sócrates o homem que perguntava**. In _____. *A história da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 2004, p. 41-52. (Coleção Os Pensadores)

ABRÃO, Bernadette Siqueira. **Solidão e angustia em Kierkegaard**. In _____. *A história da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 2004, p. 403-409. (Coleção Os Pensadores)

ALLEN, Diógenes; SPRINGSTED, Eric O. **Filosofia para entender teologia**. Tradução de Daniel da Costa. 3.ed. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo, SP: Paulus, 2010.

Bíblia Sagrada: Edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo, SP: Paulus, 2013.

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo, SP: Paulus, 1994.

GUARNIERI, Maria Cristina Mariante. **Liberdade e cristianismo em Kierkegaard**. *Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura*. n°.14 - Ano III, 2007. p. 39-47. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wpcontent/uploads/2009/06/05liberdadeecristianismo.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

GERMANO, Ramon Bolívar c. **Kierkegaard, lessing e o problema das Migalhas Filosóficas**. *Controvérsia*, São Leopoldo, RS – Vol. 8, n° 3, 2012. p. 57-69. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/6941/3883>. Acesso em: 09 de maio de 2016.

GRÜN, Anselm. **Jesus caminho para a liberdade**: O Evangelho de Marcos. Tradução de Alfred J. Keller. São Paulo, SP: Loyola, 2006

_____. Anselm. **Jesus modelo do ser humano**: O Evangelho de Lucas. Tradução de Fredericus Antonius Stein. 2.ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007.

_____. Anselm. **Jesus porta para a vida**: O Evangelho de João. Tradução de Alfred J. Keller. 2.ed. São Paulo, SP: Loyola, 2008.

_____. Anselmo. **Jesus caminho para a liberdade**: O Evangelho de Marcos. Tradução de Aldred J. Keller. São Paulo: Loyola, 2006.

KIERKEGAARD, Soren. **Migalhas filosóficas** ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. Tradução de Ernani Reichmann e Álvaro Valls. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PESSANHA, José Américo Motta. **Platão e as ideias**. In. REZENDE, Antônio (Org.). *Curso de Filosofia: professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação*. 13.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 51-68.

PESSANHA, José Américo Motta. **Vida e Obra**. In. _____. *Sócrates*. Tradução de Enrico Corvisieri e Mirtes Coscodai. São Paulo: Nova Cultural, 2004, p. 5-32. (Coleção Os Pensadores)

PLATÃO. **Mênnon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; tradução de Maura Iglésias. 2.ed. Rio de Janeiro: PUC; Loyola, 2001.